

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Itaberaí

Dayane de Assis
Eloí Borges de Faria Nascimento

BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ITABERAÍ
Dezembro/2011

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Itaberaí

Dayane de Assis
Eloí Borges de Faria Nascimento

BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso sob a
orientação da professora Rita de Cássia

ITABERAÍ
2011

Dedicamos este trabalho a nossa orientadora Rita de Cássia, que nos ajudou no conhecimento adquirido. Dedicamos, também, a nossa família pelo apoio e compreensão e aos muitos que, sem saber, nos transmitiram seus raciocínios e enriqueceram cada vez mais nossa postura como educadoras.

Agradecemos, primeiro, a Deus, que nos deu inteligência e sabedoria para atuar no mundo em que vivemos; nos deu e nos dá forças para seguir na luta pela liberdade de expressão e pela escolha dessa carreira árdua e saborosa que é ensinar e aprender. Agradecemos, também, a nossa orientadora pela contribuição no conhecimento adquirido.

Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso, aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho aborda a importância das brincadeiras na Educação Infantil. Surgiu da necessidade que vivenciamos nos estágios em educação infantil, onde as brincadeiras não eram consideradas importantes e não possuíam objetivos educacionais. Nele apresentamos a história da educação infantil, a formação do professor, a aprendizagem significativa, as brincadeiras e a importância das brincadeiras. Contém questões que ajudam os possíveis leitores na compreensão de como devemos introduzir brincadeiras que proporcionam aprendizagem de maneira prazerosa e interessante, além de possuir um breve relato de como a brincadeira deve ser inserida na educação infantil, onde o professor terá a oportunidade de ensinar de uma maneira mais descontraída e a criança aprenderá prazerosamente. A aprendizagem acontecerá naturalmente. A escola precisa ter profissionais da área que atuem no intuito de ajudar as nossas crianças a se tornarem sujeitos ativos na sociedade e as brincadeiras são um ótimo instrumento desse processo.

PALAVRAS_CHAVE: Educação infantil, Professor, Infância, Brincadeiras, Aprendizagem, Escola

ABSTRACT: this paper discusses the importance of play in early childhood education. Arose of the need that we live in stages in early childhood education, where the games were not considered important and lacked educational goals. It is the story of early childhood education, teacher training, significant learning, the jokes and the importance of jokes. It contains questions that assist potential readers in the understanding of how we should introduce banter that deliver learning pleasurable and interesting way. Besides possessing a brief account of how the game should be inserted into the children's education, where the teacher will have the opportunity to teach a more relaxed way and the child will learn delightfully. Learning happens naturally. The school needs to have professionals who act in order to help our children become subject active in society and the games are great instruments to this.

Words - keys: early childhood education, teacher, Childhood, Fun, learning, School

Sumário

Introdução	
1. História da educação infantil	11
1.1 A formação do professor de educação infantil	14
2. Aprendizagem significativa	17
2.1 Brincadeiras	20
2.2 A importância das brincadeiras na educação infantil	21
3. Anexos	25
4. Considerações finais	33
5. Referências bibliográficas	35

Introdução

As brincadeiras na educação infantil são de extrema importância e indispensáveis. Por meio delas, as crianças desenvolvem a socialização, a participação e a interação com o outro; adquirem conhecimentos e desenvolvimento de habilidades.

Com a brincadeira, a criança se desenvolve física, social, mental e emocionalmente.

O brincar na infância faz com que o indivíduo exercite a imaginação, o que, conseqüentemente, o ajuda a explorar possibilidades e, assim, promover a criatividade.

Por meio das brincadeiras, as crianças relacionam-se e comunicam-se com os outros, aprendem a se conhecer e a atuar no mundo em que vivem. Além de ser um espaço de experiência, possibilita à criança criar e inovar e colabora para a aquisição de conhecimentos e isso é uma grande vitória para elas, pois se sentem capazes.

Além de se expressarem, se desenvolverem e se socializarem, ao brincar, as crianças adquirem e assimilam conhecimentos. O lúdico é essencial nessa fase da vida de um indivíduo.

Cabe ao professor proporcionar um espaço adequado e agradável para as crianças, pois esse aspecto também é muito importante e é ele quem estabelece metodologias para desenvolver e facilitar o trabalho e cria oportunidades e condições.

O professor tem um papel enriquecedor na brincadeira. Ele é essencial e possibilita à criança assimilar cultura por meio de momentos lúdicos. Diante disso, é necessário que o professor tenha uma formação adequada para que, assim, saiba realizar de maneira correta as brincadeiras, objetivando não apenas um momento de entretenimento para as crianças, mas também um momento de aprendizagem.

Para atuar na educação infantil é necessário uma formação adequada e continuada para melhor atender as necessidades da realidade de cada criança.

Diante de toda importância apresentada por meio das brincadeiras, se faz necessário ressaltar a sua função pedagógica, visto que as mesmas são encaradas

pelos profissionais que atuam na educação infantil como momento de pura e simples diversão.

Não é errado afirmar que, para as próprias crianças, as brincadeiras são somente um momento de prazer e alegria e não precisam ser deixadas de serem vistas como tal. Porém, o que é necessário notar é seu caráter educativo que proporciona não somente a diversão, mas também o desenvolvimento, como já foi citado.

Para tanto, não basta apenas que o profissional esteja consciente desse aspecto; é preciso, também, estar preparado e saber atuar com as crianças, pois é ele quem direciona esses momentos afins de que os objetivos educativos sejam alcançados com êxito. Sendo assim, nossa intenção é mostrar o quanto as brincadeiras influenciam no desenvolvimento da criança e em suas experiências, por notar que são uma forma de buscar a concentração, a motivação, o esforço e a participação desta no processo de brincar.

Portanto, nosso objetivo é destacar a relevância que as brincadeiras possuem no processo de desenvolvimento e também no processo educacional das crianças.

1 – História da educação infantil

A educação da criança era algo considerado responsabilidade da família; a criança aprendia a se inserir no meio social através da convivência com os adultos, no próprio meio em que vivia. Não havia uma instituição responsável e destinada a esse propósito; esta surgiu não há muito tempo, o que dá a entender que a educação infantil tem uma história.

A infância foi sendo pensada de uma maneira diferente. Com o decorrer do tempo, foi sendo observada a importância dessa etapa da vida, considerando que ela era vista apenas como uma passagem para a vida adulta e não como uma fase importante onde se desenvolvem habilidades e competências que serão utilizadas pelo resto da vida, além do desenvolvimento cognitivo e psicológico do ser humano.

Essa forma de pensar a infância foi muito importante para o percurso da história da educação infantil, assim como o fato das modificações que ocorreram nas sociedades.

As mudanças que ocorreram nas sociedades europeias, o surgimento de novos mercados e até mesmo o acesso à leitura da Bíblia colaboram para que o surgimento de instituições destinadas à educação e sua organização surgissem, como cita a autora Maria Isabel Edelweis Bujes:

O surgimento das instituições de educação infantil esteve de certa forma relacionada ao nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, que pode ser localizado entre os séculos XVI e XVII. A escola muito parecida com a que conhecemos hoje se organizou porque ocorreu um conjunto de possibilidades: a sociedade na Europa mudou muito com a descoberta de novas terras, com o surgimento de novos mercados e com o desenvolvimento científico, mas também com invenção da imprensa, que permitiu que muitos tivessem acesso (da Bíblia principalmente). (pg.14).

Além disso, fatores como a necessidade de um espaço específico para este fim, os horários e como ensinar foram de grande importância.

Com isso, foram surgindo também especialistas para atuar nessa área, como entender as características da infância e sua importância.

Para a autora Maria Isabel Edelweis Bujes, a estrutura familiar, construída de mãe, pai e filhos e não aquela onde vários adultos conviviam na mesma casa e a educação da criança era atribuída a todos, também foi um fato que muito colaborou na criação dessas instituições e está muito relacionado ao trabalho da mulher fora de casa, uma vez que estas instituições eram principalmente usadas para deixar as crianças enquanto as mães trabalhavam. Além disso, existia a ideia do papel da criança na sociedade e de como torná-la um indivíduo inserido nesse conjunto social. Enfim, as instituições destinadas à educação infantil surgiram a partir de mudanças sociais, políticas e econômicas, porém seu objetivo não era apenas de “guardar” essas crianças, era de cuidar e educar.

Segundo a autora Maria Isabel Edelweis Bujes, o que ocorre é que esses conceitos de educar e cuidar muitas vezes são vistos de forma muito estreita, ou seja, o “cuidar” assume uma forma onde o trabalho é entendido de maneira errada, cuidar inclui preocupações com horário, higiene, alimentação e não apenas manter a criança em um local enquanto os pais trabalham. O que deve ser considerado é que a criança tem necessidade de carinho, atenção e segurança e que nesta faixa etária elas estão “conhecendo” o mundo e tudo à sua volta e isto se faz por meio de seu contato com os outros e o adulto tem o papel de intermediar esse “conhecimento”. Portanto, esse contato é a educação que está acontecendo e não está isolado dos

cuidados que ocorrem nas instituições que são destinadas a esse fim, ou seja, quando a criança está recebendo atenção, alimentando-se, tomando seu banho ou até em uma sala assistindo à TV com outras crianças, ela está se inteirando com seu meio e aprendendo; então se pode dizer que educar e cuidar caminham juntos.

A noção de educação infantil também toma um rumo meio disperso, uma vez que ela é entendida, muitas vezes, no sentido de submissão ou até mesmo de escolarização disciplinadora, ou seja, ou se quer ensinar os alunos a ficarem quietos e obedecerem ou se quer trabalhar em um nível mais elevado de ensino fundamental com tarefas, inclusive de escrever. O que não deve ser considerado totalmente errado, uma vez que as instituições, como as creches, podem e devem preparar as crianças para a inserção nas escolas; então devem ser respeitados os limites dessa faixa etária, ou seja, a educação que acontece nessas instituições não deve ser baseada somente nestes fins de escolarização, por exemplo. É preciso lembrar que se está trabalhando com crianças que aprendem, também, com experiências que estão começando a vivenciar.

A educação infantil tem como principais objetivos buscar que as crianças desenvolvam capacidades como imagem positiva de si, conhecimento de seu próprio corpo, estabelecer vínculos afetivos, ou seja, aprender a partilhar, esperar sua vez, estabelecer relações sociais, observar e explorar ambientes, expressar emoções, sentimentos, necessidades e desejos, utilizar-se de linguagens corporal, musical, oral, plástica e escrita e conhecer manifestações culturais, conforme o referencial curricular nacional para a educação infantil, ou seja, são objetivos que servirão de base para o desenvolvimento de outros ligados não só à educação e são, portanto, prioritários nesta faixa etária.

Enfim, as creches e pré-escolas surgiram de ideias de pensadores que acreditavam que a infância era uma fase vital na vida do indivíduo e não devia ser encarada de qualquer maneira. Elas foram criadas para atender às necessidades das famílias e, principalmente, das crianças. No início de sua criação, as creches e pré-escolas tinham uma missão apenas assistencialista: cuidava-se das crianças, mas não as educava. As professoras eram babás apenas. Os pais depositavam sua confiança nas instituições como se elas fossem uma segunda casa para seus filhos.

De acordo com Emilia Cipriano Sanches, essas creches deveriam atender crianças de 0 a 3 anos enquanto seus pais trabalhavam. No Brasil, os empresários

pensavam que, ao cuidar dos filhos dos empregados, estariam garantindo melhor mão de obra, pois estes não teriam com o que se preocupar.

Na década de 20, o Estado começa a fornecer professores e materiais pedagógicos para melhor atender as crianças, mas o objetivo era adaptar essas crianças “aos costumes das classes dominantes”.

Foi só nos anos 40 que o Estado começou a fornecer profissionais preparados na área da saúde para melhor atender as crianças. Os berçários surgiram com assistência na área da saúde e assistência social, promovendo melhorias na higiene das crianças.

Então surgiram divergências quanto à participação do Estado na criação nas creches, que começam a ser formadas pela comunidade, como as creches domiciliares. Esse atendimento não garantia qualidade.

Em 1978, começa a luta por creches educativas, mas somente em 1988 é que estas passam a ser confirmadas. A partir daí, aumenta a idade das crianças que frequentariam as creches, que passa de 0 a 3 anos para 0 a 6 anos, atendendo, assim, mais famílias que precisavam delas. Segundo Sanches:

A constituição de 1988 confirma a creche como instituição educativa, um direito da criança, uma opção da família e um dever do Estado (artigo 208, inciso IV) confirmado pela LDB 1996 (artigo 30/I/II). A educação infantil será oferecida em: I – Creches, ou entidades equivalentes para criança até 3 anos de idade, II – Pré- escolas, para crianças de 4 a 6 anos de idade, o que representa uma ruptura com todo um passado marcado pelo assistencialismo (2004, pg. 69-70).

A partir de então, surgiram propostas pedagógicas que não propiciavam apenas o objetivo de cuidar da criança, mas de educar para melhor prepará-la para ser inserida na escola.

A criança passa a ter mais importância, visto que esta é um ser social e que, portanto, deve ter seus direitos atendidos pela sociedade.

Através dessas instituições, surge a necessidade de profissionais preparados na área da educação para melhor atender às necessidades educacionais da criança. Resumindo, as creches e pré-escolas passam a ter o objetivo de cuidar e educar a criança para melhor prepará-la para o convívio com a sociedade, visto que esta é um indivíduo com direitos e deveres sociais.

1.1– A formação do professor de educação infantil

A formação de profissionais da educação tem sido alvo de muitas críticas; uma delas é o despreparo para atender às necessidades das escolas.

Para a autora Santa Marli Pires dos Santos, a formação do professor não acaba com o término do curso, pois ele é um profissional que precisa acompanhar as mudanças sociais e a criança é um ser histórico-social, que constrói sua própria história.

Fazendo um paralelo entre um quebra-cabeça e a formação do educador, pode-se afirmar que, enquanto o primeiro se completa com o encaixe de todas as peças, o segundo jamais se completará, pois a formação profissional não se acaba com o término de um curso, sempre faltará à peça seguinte (2007, pg.13).

Os cursos de formação devem se adaptar a realidade, assim o profissional entende que seu papel nesse processo não se limita a informar, mas, sim, ajudar e contribuir de forma positiva na sociedade.

Para Santa Marli Pires dos Santos, introduzir na base da estrutura curricular a formação lúdica é uma das formas de repensar os cursos de formação. Isso possibilitaria ao educador conhecer-se como pessoa, suas possibilidades e limitações e assim ter uma visão sobre a importância desse aspecto para a vida da criança. Além de contribuir com a formação do autoconceito positivo, o desenvolvimento integral da criança, a inserção da criança socialmente, a mediação entre o real e o imaginário e, ainda, ajudar no desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social.

O professor, vivenciando sua ludicidade, terá maior chance de trabalhar de forma prazerosa com a criança, tendo consciência que esta não pode ser vista apenas como diversão e sim como uma necessidade do ser humano em qualquer idade, pois ela desenvolve a interação afetiva e ajuda as pessoas em seu processo de desenvolvimento humano.

O adulto tem um papel de mediador nesse processo da aquisição e assimilação do conhecimento, aprendizado e desenvolvimento por meio das brincadeiras e cabe a ele proporcionar experiências para este fim.

No entanto, o profissional de educação infantil precisa manter um comportamento ético para que, mesmo sem querer, não exponha as crianças ao ridículo ao colocar “apelidos”, como afirma a autora Carmem Craidy.

No entanto, algumas práticas podem ser prejudiciais ao bom andamento desse processo, como por exemplo, a colocação de apelidos pejorativos nas crianças (“manhosa”, “maluco”, “burro”, etc.). Os/as profissionais das escolas infantis precisam manter um comportamento ético para com as crianças, não permitindo que estas sejam expostas ao ridículo ou que passem por situações constrangedoras (2001, pg.31).

É bom ressaltar que essas práticas não devem ser evitadas apenas por professores da educação infantil.

Outro aspecto é o fato de que o professor desenvolva “simpatia” maior por certas crianças e acabe por elogiá-las mais que os outros. Isso poderá fazer com que outras crianças sintam-se “rejeitadas”. É importante que o professor trate todas as crianças igualmente, as atenções e os elogios devem ser dados a todos. O professor deve evitar quaisquer atitudes discriminatórias ou preconceituosas.

O professor precisa proporcionar situações de brincar dirigido para que atenda às necessidades de aprendizagem. Assim, ele age como iniciador e mediador da aprendizagem. No entanto, ele também exerce o papel de observador e avaliador ao observar e diagnosticar como e o que a criança está aprendendo, assim saberá se os caminhos que ele está percorrendo estão sendo satisfatórios em seus resultados.

A formação dos professores hoje não tem sido suficiente para garantir que crianças e jovens alcancem o sucesso escolar e a capacidade pessoal. No entanto, não é somente o professor que deve se responsabilizar pela insuficiência dessa aprendizagem. A formação do professor também deve proporcionar uma formação continuada a fim de desenvolver a capacidade profissional do educador.

Essa formação de qualidade é uma urgência, visto que o papel do professor tem relevância na formação do aluno.

Nas instituições de educação infantil a realidade não é diferente, pois essas foram vistas, por muitos anos, como uma espécie de local onde as crianças apenas “passariam seu tempo”. Isso fez com que a precariedade com que esse assunto era tratado trouxesse consequências para esse meio.

Conforme o referencial para a formação de professores, essas instituições foram criadas como uma estratégia para resolver problemas ligados às crianças.

O uso de creches e mesmo de programas pré-escolares como estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados á sobrevivência das

crianças foi, durante muitos anos, justificativa para a existência de atendimentos de baixo custo, com aplicações orçamentárias insuficientes dos seus profissionais e alta proporção de crianças por adulto (1999, p.25)

Isso faz com que a formação de professores não seja vista com a importância que ela tem.

Porém, não basta apenas uma boa formação. É necessário também que haja um trabalho construtivo coletivo e um exercício responsável do profissional, ou seja, o professor deve ter consciência de seu papel e buscar, junto com seus colegas, uma melhor qualidade de seu preparo, almejando, no futuro, melhor resultado para seus alunos.

Os profissionais da educação devem, sim, lutar por melhores salários e melhores condições de trabalho; porém, não devem se restringir apenas a isso, mas, também, a melhores condições, que os permitam promover um ensino e uma aprendizagem significativa de melhor qualidade.

2 – Aprendizagem significativa

Existem três tipos de aprendizagem: a psicomotora, a cognitiva e a afetiva.

A cognitiva consiste no armazenamento das informações de forma organizada na mente. A afetiva resulta de experiências, como dor, alegria, etc. Algumas dessas experiências afetivas podem acompanhar as cognitivas. A aprendizagem psicomotora são respostas musculares como, por exemplo, ao pintar um desenho a criança desenvolve, também, a psicomotricidade.

Para Ausubel, a aprendizagem consiste na organização da estrutura cognitiva, ou seja, aquilo que o aluno já tem consigo é um ponto principal de partida para novos aprendizados, informações e ideias.

Essas novas informações e ideias podem ser aprendidas se conceitos estiverem disponíveis na estrutura cognitiva da pessoa; é como se a estrutura cognitiva já constasse algo sobre aquilo que será aprendido. Essas estruturas são experiências sensoriais já adquiridas, como explica o autor Ausubel:

Novas ideias e informações podem ser aprendidas e retiradas, na medida em que conceitos relevantes e inclusivos estejam adequadamente claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo e funcionem, dessa forma, como ponto de ancoragem às novas ideias e conceitos (1999, p.152).

Existem duas categorias nas teorias da aprendizagem. A primeira trata do condicionamento, que caracteriza a aprendizagem como consequência das condições, ou seja, essas condições têm forte influência nessa aprendizagem.

Essa condição é o estímulo e a resposta. Sendo assim, a resposta ao estímulo é a aprendizagem, ou seja, “o caminho” percorrido entre os dois é a aprendizagem, como defende os autores Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira:

Aprendizagem é a conexão entre o estímulo e a resposta. Completada a aprendizagem, estímulo e resposta estão de tal modo unidos, que o aparecimento do estímulo evoca a resposta (1999, p.115).

Nas teorias cognitivas, a aprendizagem é vista como um processo de relação do sujeito com o mundo externo (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999), ou seja, a aprendizagem resulta da organização do conhecimento.

Para Ausubel, a comunicação com o mundo resulta em uma grande riqueza de conteúdos cognitivos; sendo assim, a aprendizagem é o processo de organização desses conteúdos.

Para o autor, a criança estabelece uma relação com o significado e o que lhe foi ensinado. Dessa forma, compreende melhor. Isso é o cognitivo: que compreende, transforma e armazena as informações.

Essa organização é a aprendizagem; e quando há uma relação de conceitos, há uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa ocorre, basicamente, com a relação da nova informação com algum conhecimento específico, ou seja, quando essa nova informação tem uma base naquele conhecimento preexistente no indivíduo.

Para Ausubel, esses conhecimentos preexistentes funcionam como inseridores de novos conhecimentos; a assimilação destes se dá quando a pessoa tem uma ideia base sobre o que se está aprendendo, por exemplo, os conceitos de força e campo servirão para que o indivíduo assimile de forma mais fácil

aprendizados sobre física, como exemplifica o autor em sua teoria. Estes conceitos são subsunçores que já existem e que inserem os novos:

“Em Física, por exemplo, se os conceitos de força e campo já existem na estrutura cognitiva do aluno, eles servirão de subsunçores para novas informações referentes a certos tipos de força e campo como, por exemplo, a força e o campo eletromagnético”. (1999, p.153).

Para que ocorra essa aprendizagem significativa, é necessário dar condições para isso acontecer, e uma dessas condições é propiciar algo que o aluno possa relacionar com algo que ele já conhece, como, por exemplo, uma imagem, um símbolo, algo já significativo para ele.

Para a criança, se torna mais fácil a compreensão quando esses conceitos subsunçores passam a agir de forma a relacionar esses novos conceitos adquiridos. Portanto, o professor deve identificar esses conceitos prévios para usá-los de forma que o conteúdo a ser aprendido seja significativo para o aluno.

Para o autor Ausubel, quando não há uma ligação de novas informações ou quando essas ligações são de pouca relevância, ocorre a aprendizagem mecânica. Essa aprendizagem mecânica acontece quando os novos conceitos não têm muita interação com os conceitos existentes na estrutura cognitiva, e quando há a memorização de fórmulas, como exemplifica o autor.

“Contrastando com a aprendizagem significativa, Ausubel define a aprendizagem mecânica (ou automática) como sendo a aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma interação com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva”. (1999, p. 154)

Essa aprendizagem mecânica não liga conceitos novos aos conceitos preexistentes específicos. No entanto, a aprendizagem significativa e a aprendizagem mecânica não são uma dicotomia, uma divisão diferente, e sim um contínuo; não há interrupção, ou seja, as duas não são separadas em “rumos” diferentes, como explica o autor Ausubel.

Na verdade, Ausubel não estabelece a distinção entre aprendizagem mecânica significativa e aprendizagem mecânica como sendo uma dicotomia e sim como um contínuo (1999, p.154).

Se para ocorrer a aprendizagem significativa é necessário que haja a “ligação” entre novos conceitos a conceitos já existentes, na estrutura cognitiva (os

subsunçores), é necessário entender o que fazer quando esses subsunçores não existem.

Na aprendizagem mecânica existem conceitos que podem servir como subsunçores ainda que sem muita relevância. No entanto, na medida em que a aprendizagem vai se tornando significativa, estes vão se tornando mais relevantes e, assim, mais capazes de servir como âncora para novas informações.

Segundo Ausubel, em crianças pequenas esses subsunçores são adquiridos por meio de um processo conhecido como formação de conceitos. E ao chegar à idade escolar elas já possuem alguns desses conceitos, que permitem ocorrer a aprendizagem significativa; as crianças já adquirem alguns desses subsunçores fora da escola, na sua convivência com a família, com amigos, no seu dia a dia etc.

Porém, esses conceitos vão se tornando mais relevantes e outros vão aparecendo quando há uma organização desses subsunçores, ou seja, a criança já traz consigo alguns conceitos pouco relevantes e organizados, conforme Ausubel. A organização desses conceitos consiste em introduzir um material prévio antes do material aprendido em si. Essa organização servirá como uma espécie de “ponte” entre o conceito que a criança sabe com o que ela deverá aprender.

2.1 – Brincadeiras

As brincadeiras são de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem: através delas as crianças desenvolvem a socialização, a participação e a interação, adquirem conhecimentos e desenvolvimentos de habilidades. A brincadeira desenvolve a criança social, mental e emocionalmente, exercita a imaginação e a criatividade e a ajuda a se expressar.

As brincadeiras de “faz de conta” também exercem grande influência nesse desenvolvimento. A criança “experimenta” situações e emoções e isso faz com que ela aprenda mais sobre as relações interpessoais (R.C.N.E.I 1998).

Ao brincar, a criança vivencia experiências baseadas em sua imaginação; elas utilizam aquilo que sabem em algo reproduzido em alguma situação que elas mesmas criam. Isso possibilita que atualizem e aumentem a abrangência de seus conhecimentos como, por exemplo, ao brincarem de heróis, polícia, pai, mãe, filho, vivenciam a experiência do que é ser um adulto e com isso adquirem novas ideias.

Além disso, as brincadeiras ajudam a desenvolver na criança a capacidade de solucionar problemas, justamente por experimentar situações como seriam na vida real. De acordo com RCNEI:

Também se tornam autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata (1998, p. 23).

Com o brincar a criança passa a ter novos aprendizados e desenvolve habilidades de uma maneira muito natural e harmoniosa. A brincadeira é um hábito de todas as crianças e contribui para o aprimoramento social, motor, emocional e cognitivo de cada um. Quando a criança brinca, ela expressa seu conhecimento.

Visto que as brincadeiras são de tamanha importância no desenvolvimento e na aprendizagem, elas não podem ser entendidas apenas no seu significado da palavra, ou seja, brincadeira como sendo apenas o ato de se divertir. Ela não deve ser encarada apenas com esse intuito, principalmente na educação.

É claro que o ato de brincar deve ser um momento de descontração e diversão. No entanto, em instituições educacionais as brincadeiras precisam ser encaradas de forma coerente, ou seja, nem sempre estão direcionadas para que, assim, se tornem “chatas” para as crianças e nem sempre estão “soltas” para que não percam sua função tão importante.

Deve-se considerar que quando se trabalha com crianças é importante “prender” a atenção delas, e quando uma brincadeira proposta não consegue “chamar a atenção”, ou despertar o interesse delas, dificilmente conseguirá alcançar algum objetivo.

Portanto, ao brincar com as crianças ou propor a elas uma brincadeira é importante conhecer aquilo que esta traz para a criança além do simples fato de que estejam se divertindo.

Brincar é uma necessidade do ser humano. Esse ato permite que possamos compreender melhor a nós e a nossa vida (MOYLES, 2002). Claro que o “brincar” do adulto não é igual ao “brincar” da criança, uma vez que as brincadeiras buscam desenvolver e entender sentimentos, atitudes, pensamentos e diferenças. O que ocorre é que as crianças têm bem mais a desenvolver com elas que os adultos.

Os adultos utilizam a brincadeira com uma forma de relaxamento. No entanto, para a autora Janet R. Moyles, os adultos devem considerar as brincadeiras não

apenas como diversão, pois somente assim ela começará a ser vista com a sua devida importância.

O que a maioria dos adultos deixa de reconhecer é exatamente quanto eles próprios brincam em sua vida adulta, e a menos e até que possamos aceitar esse brincar e valorizá-lo em suas muitas formas, será difícil para alguém valorizar o brincar das crianças com algo além de uma atividade ociosa (2002, p. 11).

2.2 – Importância das brincadeiras na educação infantil

Em seu livro “Brinquedo e Infância”, Santa Marli Pires dos Santos diz que a criança não é apenas um ser frágil que precisa de proteção. Conforme estudos e pesquisas, percebe-se que a criança tem uma maneira de construir seu próprio conhecimento e é capaz de participar ativamente na sociedade desde quando nasce.

Para a autora, para cada etapa evolutiva existe um tipo de atividade apropriada, que faz com que a criança aprenda e produza o que aprendeu. Ela é capaz de aprender com atividades lúdicas que são ferramentas úteis e indispensáveis para que esta aprenda com prazer, através do brincar. Ao brincar, a criança desenvolve capacidades que lhe ajudarão nas questões da vida em sociedade.

A criança não era considerada um ser social e por essa razão não estava apta para viver em sociedade. Com a nova visão da criança como cidadã, esta agora é vista como um ser ativo e, portanto, participante do contexto sociocultural. Nessa nova concepção de se considerar a criança como cidadão, surgem vários conceitos sobre ela, e esses dependem do ambiente no qual a criança está inserida.

De acordo com Santa Marli Pires dos Santos, é na infância que se constrói o psicológico do indivíduo e, por esse motivo, deve se ter um certo cuidado com a forma de ensinar a criança, pois isso refletirá positiva ou negativamente em seu futuro.

As brincadeiras são uma espécie de “teste” para as crianças, onde elas testam seus limites e se esforçam para superá-los. Quando ela supera um limite, a criança se sente confiante, sabe que é capaz; porém, quando a brincadeira exige

muito dela, o objetivo não conseguirá ser alcançado e isso poderá afetar sua auto-estima, fazendo com que ela sinta-se incapaz.

Diante disso, é importante ressaltar que as brincadeiras devem respeitar a idade e o tempo de desenvolvimento, pois, por meio delas, as crianças aprendem, também, a tentar sempre para conseguir aquilo que buscam.

Para a autora Ângela Cristina Munhoz Maluf, nesse aspecto o professor deve saber trabalhar, bem como os pais, pois não conseguir realizar algo é muito frustrante para uma criança. Cabe ao adulto incentivá-la, mantendo, porém, sempre o cuidado para não haver uma cobrança muito grande, sempre respeitando o tempo da criança.

Falhar faz parte do aprendizado, mas para uma criança pode ser muito frustrante não conseguir fazer o que quer, ou o que seus pais e educadores querem que ela faça. Ou mesmo que seus amigos querem vê-las fazer. Se a criança não consegue fazer alguma coisa, não devemos dar importância, podemos dizer, simplesmente, que logo ela vai conseguir (2007, p.25).

É importante também respeitar o momento em que a criança prefere brincar sozinha, ao invés de se juntar aos outros, pois isso desenvolve também sua atenção e percepção. No entanto, isso deve ser observado pelos professores e adultos, uma vez que se isso é frequente, pode ser que a criança esteja encontrando dificuldade de adaptação ou possa ser, ainda, outro problema.

As brincadeiras trabalham na criança sensibilidade, entusiasmo, determinação, competência, confiança e várias outras habilidades essenciais para o seu desenvolvimento como ser humano, além de serem muito úteis nas situações pedagógicas, uma vez que possuem um caráter motivacional.

Por meio delas a criança também faz uso da sua imaginação e, assim, pode adquirir novos conhecimentos de forma prazerosa, pois elas estimulam a aprendizagem e, portanto, podem ajudar a alcançar objetivos em várias áreas de conteúdos.

A educação por meio do lúdico dá oportunidade à criança de interpretar e vivenciar experiências, o que pode promover nelas técnicas reflexivas e inteligentes e, conseqüentemente, pode ocorrer uma aprendizagem sem perder o caráter de prazer.

São inúmeras as vantagens de se introduzir as brincadeiras no processo de educação. No entanto, o professor pode direcioná-las para que tenham maiores consequências educativas, modificando a brincadeira espontânea para que adquira um valor pedagógico, sem perder a ludicidade, como afirma a autora Adriana Rosa.

Portanto, embora os professores não possam determinar algumas das influências sobre o brincar, eles controlam outras. Para assegurar que a brincadeiras em uma sala de aula tenha consequências educacionais positivas, os professores devem oferecer à preparação um planejamento cuidadoso e orientação (2003, pg.51).

Além disso, dessa maneira, o professor tem a oportunidade de avaliar o resultado que essas brincadeiras trouxeram para dentro da sala como, por exemplo, o envolvimento das crianças e, assim, buscar sempre adaptações e aperfeiçoamento, a fim de atingir suas metas educativas.

Cabe ressaltar novamente que cada criança possui seu próprio ritmo e, por isso, na hora de ensinar ou introduzir uma atividade isso deve ser considerado. As brincadeiras estimulam o desenvolvimento das crianças em todas as idades.

Nas crianças com menos de um ano de idade suas percepções ainda não estão bem desenvolvidas; no entanto, já são capazes de responder a estímulos e observar o ambiente ao seu redor. Nessa idade, é importante que as brincadeiras visem a estimular o desenvolvimento e não exija muito das crianças.

Citaremos algumas dessas brincadeiras que podem ser realizadas pelos próprios pais ou em instituições especializadas como as creches. Elas seguem em anexo.

Considerações finais

Mediante observações e pesquisas realizadas, constatamos que as brincadeiras são uma forma de proporcionar o desenvolvimento tanto físico como cognitivo nas crianças, além de facilitar a concentração e o esforço e incentivar a imaginação, aspectos estes de suma importância no processo de aprendizagem. No entanto, é possível notar que elas não são vistas e nem aplicadas com algum objetivo ou finalidade.

Na maioria das vezes, elas são utilizadas como um momento de diversão para as crianças, o que não está totalmente errado, pois as brincadeiras espontâneas também possuem seu caráter educativo. Porém, quando encaradas apenas dessa maneira, é deixada de lado a sua importância pedagógica.

Aprender brincando é mais satisfatório para a criança e ela se sente mais à vontade; conseqüentemente, a aprendizagem acontece. Por meio das brincadeiras, as crianças recriam seu mundo interior e se expressam, adquirem novos conhecimentos e experiências.

Ao pesquisar sobre a relevância das brincadeiras no desenvolvimento infantil e no processo de aprendizagem, constatamos também a importância do professor nesse processo. Ele tem o papel de mediador e orientador, e é ele quem deve estimular e incentivar a criança a fim de alcançar um objetivo, sempre levando em consideração a importância de sua participação junto com as crianças, pois isso desenvolverá a confiança delas no adulto. Além disso, o profissional precisa ter em mente que na educação as brincadeiras não são apenas um momento de lazer, elas proporcionam o desenvolvimento e a aprendizagem e que devem, portanto, ser planejadas visando a um objetivo, pois são, também, atividades educativas.

Para que as brincadeiras sejam aplicadas de maneira adequada, é necessário que a idade das crianças seja respeitada, bem como o desenvolvimento de cada um, pois, ao realizar uma brincadeira, a criança estará se esforçando para superar obstáculos e que se ela não conseguir, isso pode se tornar algo frustrante. Do mesmo modo, a frustração poderá ocorrer se a brincadeira for muito fácil, que não exija nenhum tipo de esforço, fazendo com que a criança perca o interesse rapidamente. Se, ao preparar uma brincadeira, o professor não observar esses aspectos, esse momento perderá o objetivo e não surgirá um resultado positivo. É importante respeitar o momento em que a criança prefere brincar sozinha. Este pode propiciar a ela o desenvolvimento de sua atenção, competência e determinação. Porém é uma questão à qual o professor deve estar mais atento, uma vez que se tornar muito frequente, pode ser sinal de algum problema.

O professor que introduz brincadeiras no processo de educação poderá modificá-las e, até mesmo, adaptá-las, sem que elas percam a ludicidade; assim, ele perceberá o resultado que elas trouxeram para os seus alunos e terá a oportunidade de estar inovando e buscando novos resultados.

Anexos

Crianças de 0 a 3 meses

Nessa idade, o bebê ainda enxerga pouco, movimentando suas extremidades, escuta quando falam com ele e começa a vocalizar. As brincadeiras nessa idade devem objetivar principalmente as capacidades sensoriais que se referem ao desenvolvimento de seus sentidos, e as capacidades psicomotoras que desenvolvem novos movimentos ou aperfeiçoam os que já sabem.

Algumas brincadeiras simples podem ser realizadas com esse objetivo como:

O ciclista

Essa brincadeira consiste em fazer um pequeno exercício com as pernas do bebê. Pegamos seus tornozelos, flexionamos e esticamos alternadamente suas perninhas. Pouco a pouco, podemos aumentar a velocidade, ora mais devagar, ora mais rapidamente. Esse exercício desenvolverá as capacidades psicomotoras e cognitivas do bebê.

Olha!

Preparamos algumas almofadas sobre o cobertor de brincar e alguns brinquedos pequenos de cores variadas e chamativas e texturas diferentes. Colocamos o bebê sentado e mostramos a ele um brinquedo e falamos com ele. Em seguida colocamos o brinquedo na mão do bebê e se o brinquedo fizer barulho podemos movimentar a mão do bebê para que perceba o que está acontecendo.

Objetivo

Desenvolvimento sensorial (sentidos)

Desenvolvimento psicomotor (movimentos)

Desenvolvimento cognitivo (memória, atenção)

Crianças de 3 a 6 meses

Com essa idade, a criança responde a estímulos e brincadeiras, brinca com os pés e mãos, observa o ambiente, reconhece familiares e pessoas mais próximas e já emite sons ininteligíveis. Nessa fase, as brincadeiras podem ser um pouco mais elaboradas.

Espelho mágico

Brincadeiras assim farão com que a criança perceba os movimentos próprios de cada parte do corpo, ajudam-na a descobrir seu próprio corpo, reconhecer sua imagem e desenvolver a lateralidade.

Colocamos o bebê nos braços diante do espelho de modo que ele possa se olhar: chamamos a atenção para o que vê no espelho; quando conseguimos a atenção, podemos mostrar a ele sua mão e levantar para que ele a veja ou veja outras partes de seu corpo.

Objetivos

Psicomotor (movimento)

Cognitivos (atenção/expressão)

Está mexendo

Potencializa a exploração visual do bebê; ajuda-o a localizar e identificar objetivos e pessoas; inicia-o a percepção de distância e aprimora a sua sensibilidade auditiva.

Pegamos o bebê nos braços e damos uma volta pela casa à procura de objetivos em movimento; a todo o momento explicamos para o bebê o que ele está vendo, que barulho faz etc.

Objetivos

Sensorial (sentidos)

Cognitivo (atenção)

De 6 a 9 meses

O bebê dos 6 aos 9 meses se mantém firme e senta-se sozinho, olha atenciosamente algo que lhe interessa e emite sons cada vez mais articulados.

As brincadeiras nessa idade também devem objetivar o desenvolvimento cognitivo, sensorial e psicomotor.

A marionete

Estimula a capacidade de antecipação do bebê, exercita o movimento da cabeça e do pescoço, potencializa sua percepção visual e aprimora sua capacidade de localizar e observar objetos.

Colocamos o bebê no chão e mostramos a marionete em uma das mãos; podemos fazer com que o bebê “converse” com a marionete, podemos também colocar uma marionete em cada mão e encenar uma história.

Objetivos

Sensorial (sentido)

Psicomotor (movimento)

Cognitivo (atenção/memória)

As caixas mágicas

Estimula a exploração sensorial do bebê, inicia o bebê a uma noção básica de tamanho e quantidade, estimula sua capacidade de classificação e ordenação e ensina a valorizar distância e tamanho.

Pegamos 3 caixas pequenas para que o bebê possa manipulá-las com facilidade e de tamanhos diferentes, para colocarmos umas dentro das outras.

Colocamos as 3 caixas uma dentro da outra e mostramos ao bebê como se faz para que ele possa encaixá-las e tirá-las sozinho. Podemos colocar algo dentro da caixa para estimular a criança.

Objetivos

Sensoriais (sentidos)

Cognitivos (atenção/memória)

De 9 a 12 meses

A criança já consegue sentar-se quando está parada, consegue erguer-se, imitar sons, é capaz de emitir sílabas e fala suas primeiras palavras. Nessa fase, as brincadeiras também podem objetivar o desenvolvimento social, que é a capacidade de se relacionar com outras pessoas, e o desenvolvimento afetivo, que leva a criança a se expressar e também a desenvolver a autonomia.

Os rabiscos

Brincadeiras como essa são capazes de iniciar a criança no conhecimento de formas e cores, favorecem o desenvolvimento da criatividade, ajudam a adquirir destreza e firmeza e potencializam sua expressão.

Para realizá-la, só precisaremos de um pedaço grande de papel e alguns lápis de cor; basta esticar o papel em algum lugar para que fique mais fácil para a criança, depois lhe damos os lápis e ensinamos a segurá-los e usá-los; em seguida basta deixá-la pegar o lápis e fazer rabiscos.

Objetivos

Psicomotor (movimentos)

Cognitivo (atenção/memória)

O lenço sem fim

Aumenta a habilidade da criança para manipular objetos, desenvolve a capacidade de observação, potencializa a capacidade de reconhecimento e estimula a expressar emoções.

Para realizá-la precisamos de meia dúzia de lenços de cores diferentes, amarramos um ao outro de maneira a formar uma corrente; colocamos os lenços dentro de um casaco deixando que apareça um pedacinho deles; aproximamos da criança de maneira a deixar que ela veja o pedaço do lenço que esteja visível;

depois é só ensiná-la a puxar o lenço para tirá-lo dali; quando ele acabar podemos reiniciar a brincadeira.

Objetivos

Psicomotores (movimento)

Cognitivos (atenção/memória)

Afetivo (expressar e desenvolver a autonomia)

De 12 a 24 meses

Nessa fase, a criança exige mais atenção, caminha sozinha, reconhece a si mesma, diz algumas palavras e faz muitas perguntas. Portanto, as brincadeiras também devem continuar visando aos mesmos objetivos, pois é, também, o momento em que a criança está se tornando mais sociável.

Minha cabana

Estimula a imaginação da criança, facilita a exploração de seu ambiente, desenvolve a capacidade de orientação e ensina a compartilhar experiências.

Colocamos uma mesa em algum lugar e a cobrimos com um lençol ou um cobertor, como se fosse uma “casinha”, cobrindo os lados da mesa. Podem ser colocados brinquedos lá dentro ou alguma história pode ser contada.

Objetivos

Sensoriais (sentido)

Cognitivo (atenção/memória)

Sociais (relacionar com outras pessoas)

Afetivos (expressar/desenvolver autonomia)

O boneco mágico

Ensina a criança a observar e a localizar, melhora a capacidade de concentração, estabelece vínculos, incentiva a expressar emoções e sentimentos.

É preciso um copo plástico, um palito de madeira e um pedaço de cartolina. Basta recortar um círculo na cartolina de maneira que caiba dentro do copo, furá-lo com o palito e introduzir o palito pelo orifício, de modo que o círculo fique escondido dentro do copo. Nesse círculo, podemos desenhar uma “careta” e colá-la na ponta do palito. Depois é só movimentar o palito de forma que faça a “careta” aparecer e desaparecer. Durante a brincadeira podemos estimular a criança a “conversar” com o boneco.

Objetivos

Cognitivos (atenção/memória/criatividade)

Sociais (relacionar com outras pessoas)

Afetivos (expressar/desenvolver autonomia)

De 24 a 36 meses

A criança já anda, corre e pula, revela se é destro ou canhoto, expressa sentimentos de amor, raiva ou tristeza, diverte-se brincando com outras crianças, começa a controlar a bexiga e as evacuações durante o dia e entende instruções simples.

Números pequenos

Ajuda a desenvolver a noção de quantidade, favorece a sua capacidade de classificação de objetivos, motiva a estabelecer vínculos e relações afetivas e estimula a conhecer seu próprio corpo.

Podemos pedir que a criança mostre um dedo, depois dois, um olho, depois dois, duas pernas, sempre brincando com as partes do corpo. Podemos “complicar” a brincadeira pedindo para que reconheça números maiores como, por exemplo, os cinco dedos da mão. Depois podemos pedir para agrupar brinquedos de dois em dois e, assim, sucessivamente.

É importante que se reforce os conhecimentos da criança, pedindo sempre certo número de coisas, como, por exemplo, pedir que nos dê 2 biscoitos ou 3 brinquedos, assim a criança vai se habituando com os números.

Objetivos

Cognitivos (atenção/memória)

Sociais (relacionar com outras pessoas e conhecer as normas sociais)

Afetivos (expressar/desenvolver autonomia)

A passagem secreta

Exercita a percepção visual, propicia a aquisição de firmeza na percepção ocular, desenvolve a concretização e estimula a reação.

Para esta brincadeira, são necessárias uma bola e uma área livre. Ficamos de pé, com as pernas abertas de modo que a criança possa passar entre elas.

A criança deve passar por debaixo das pernas empurrando a bola; poderá também arremessar a bola tentando passá-la para o outro lado. Devemos sempre aplaudir e elogiar o processo das crianças.

Objetivos

Psicomotores (movimento)

Cognitivos (atenção)

Sociais (relacionar-se com outras pessoas)

É importante lembrar que todas as capacidades são da mesma importância e cabe a nós propiciar o estímulo a essas brincadeiras, visando a buscar esses desenvolvimentos de forma harmoniosa e prazerosa para a criança.

Referências bibliográficas

ARIÉS, Philippe. Pequena introdução aos jogos e brincadeiras. In: **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksmam. RJ. 2006.

CRAIDY, Carmem Maria. KAERCHER, Gládes Elise P. da Silva. **Educação: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

Referencial Curricular Nacional para a educação infantil, Brasília. MEC/SEF, 1998.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado**. Petrópolis, RJ: vozes, 2003.

ROSA, Adriana. **Lúdico e alfabetização**. Curitiba: Jaruá, 2003.

GAGNÉ, Robert M. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro, LTC- Livros técnicos e científicos. Editora S.A, 1983.

SANCHES, Emília Cipriano. **Creche: realidade e ambigüidades**. Petrópolis. RJ: vozes, 2003.

Referencial para a formação de Professores/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1999.

Psicologias, uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo. Editora Saraiva, 1999.

MOREIRA, Marco Antonio, 1942-**Teorias de aprendizagem**/Marco Antonio Moreira. -São Paulo:EPU, 1999.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**/ Janet R. Moyles; tradução Maria Adriana Veronese. -Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. 10 ed.- Petrópolis. RJ: vozes, 2010.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para a educação**. Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC/SEF, Vol.1, Pág. 39, 1998.